

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Jayne Barbosa de Mélo

A ORGANIZAÇÃO DA SALA DE AULA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O DESPERTAR
DA AUTONOMIA

GARANHUNS
2019

Jayne Barbosa de Mélo

A ORGANIZAÇÃO DA SALA DE AULA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O DESPERTAR DA AUTONOMIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial da obtenção do título de Licenciado em Pedagogia pelo Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Garanhuns.

Orientadora: Profa. Ma. Valdirene Moura da Silva.

GARANHUNS
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- M5280 Melo, Jayne Barbosa de
A organização da sala de aula na Educação Infantil: o despertar da autonomia: / Jayne Barbosa de Melo. - 2019.
63 f. : il.
- Orientador: Valdirene Moura da Silva.
Inclui referências e apêndice(s).
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Licenciatura em Pedagogia, Garanhuns, 2019.
1. Autonomia. 2. Organização Escolar. 3. Educação Infantil. I. Silva, Valdirene Moura da, orient. II. Título

CDD 370

Jayne Barbosa de Mélo

**A ORGANIZAÇÃO DA SALA DE AULA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O DESPERTAR
DA AUTONOMIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial da obtenção do título de
Licenciado em Pedagogia pelo Curso de
Licenciatura em Pedagogia da Universidade
Federal Rural de Pernambuco, Unidade
Acadêmica de Garanhuns.

Aprovado em: _____ / _____ / _____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Valdirene Moura da Silva – UAG/UFRPE

Profa. Dra. Leila Nascimento da Silva – UAG/UFRPE

Prof. Dr. Alex de Araújo Lima – Professor da Rede Municipal de Garanhuns

Dedico este trabalho a Deus primeiramente e a meus pais, Jaime João de Melo e Maria Barbosa de Melo por não renderem esforços para minha educação e por tanto me apoiarem nas horas difíceis da vida. Não consigo resumir meu amor por vocês em palavras.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me abençoado de tal forma que hoje estou concluindo mais uma fase. Senti Sua presença nos momentos mais difíceis e de dificuldades. Me agraciou com a sabedoria e me deu Sua paz, e por isso, estarei continuamente agradecendo por me escolher ser Sua filha. Oferto toda minha vida e amor a Ele!

Agradeço aos meus pais, Jaime João de Melo e Maria Barboza de Melo, por todos os esforços e renúncias para me proporcionar o melhor, me apoiando em todos os momentos, desde o início da minha caminhada escolar e acadêmica. Agradeço, sobretudo, por serem minhas inspirações para a vida! Assim também, agradeço ao meu irmão João Bosco Barboza de Melo e cunhada Samanta da Silva Figueiras de Melo, por me proporcionar momentos de alegria quando eu estava cansada.

Agradeço aos demais parentes e suas constantes orações e preocupação.

Agradeço aos irmãos da minha Igreja Presbiteriana Fundamentalista pelas orações e conselhos durante minha vida.

Agradeço a todos os meus amigos que estiveram comigo nessa etapa da vida, nas aulas ou atividades complementares, em reuniões de estudo, em vivências e experiências que me auxiliaram na constituição da profissional que sou hoje. De forma especial e carinhosa, agradeço a Diógenes Thiago, Tamires Maria, Viviane Maria e Gabryelle Mayara que não mediram esforços no encorajamento e estimulação, como também na participação dos momentos especiais da minha vida e em suas orações.

Agradeço a minha orientadora, Valdirene Moura da Silva, que além de professora se tornou minha amiga. Entendeu minhas dificuldades e falhas e me acolheu como eu era. Orientou meu voo e fortaleceu minhas raízes. A senhora é sim a resposta das minhas orações, não poderia ter tido uma orientadora melhor.

Agradeço aos demais professores, tanto da UAG/UFRPE como os professores que me ensinaram na Educação Básica. Sigo tendo um pouco de cada um em mim, lembrando-me dos ensinamentos e cuidado que tiveram em sua profissão.

E de um modo geral, a todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho e que torcem pelo meu sucesso profissional. Muito obrigada!

“Eu fui aparelhado para gostar de passarinhos. Tenho abundância de ser feliz por isso. Meu quintal é maior que o mundo... Queria que minha voz tivesse formato de canto. Porque eu não sou da informática: eu sou da invencionática.”

Manoel de Barros

RESUMO

Esta pesquisa surgiu com o objetivo de analisar a organização do ambiente escolar (sala de aula) na Educação Infantil e a contribuição para o desenvolvimento da autonomia da criança. Como questão norteadora de pesquisa buscamos compreender: Como a organização da sala de aula pode contribuir para o desenvolvimento da autonomia na Educação Infantil?", mais especificamente objetivamos identificar a relação entre a prática do educador e a organização do ambiente escolar; refletir acerca dos aspectos de autonomia presentes na prática docente e caracterizar quais os sentidos atribuídos pelas crianças ao ambiente escolar em que convivem e constroem diariamente. A pesquisa está caracterizada como pesquisa de campo e de caráter qualitativo. Os instrumentos de pesquisa utilizados na coleta de dados foram observação, entrevistas com os docentes e o desenho com as crianças, para que assim, possa-se dirimir a finalidade educativa que permeia a ideia de sujeito autônomo, cuja sua prática pedagógica se baseia. Ao se apresentar a relação existente entre o ambiente escolar e o desenvolvimento da autonomia da criança, compreendemos que a organização do ambiente escolar e o desenvolvimento da autonomia é imprescindível, pois a organização torna-se elemento gerador de significados que possuem relação de causa e efeito no desenvolver singular de cada aluno, ou seja, deve-se buscar o sentido das ações conscientes feitas pelas crianças. Além disso, influencia positivamente na função executiva, ligada ao desenvolvimento cognitivo, melhorando o raciocínio, a capacidade de resolução de problemas e flexibilidade de tarefas, tudo isso constitui para uma educação autônoma, levando em consideração os limites a serem trabalhados e entendidos.

Palavras-chave: Autonomia. Organização Escolar. Educação Infantil.

SUMMARY

This research aimed to analyze the organization of the school environment (classroom) in early childhood education and the contribution to the development of children's autonomy. As a guiding research question we seek to understand: How can the organization of the classroom contribute to the development of autonomy in early childhood education? ", More specifically we aim to identify the relationship between the practice of the educator and the organization of the school environment; reflect on the aspects of autonomy present in teaching practice and characterize the meanings attributed by children to the school environment in which they live and build daily. The research is characterized as field research and qualitative character. The research instruments used in data collection were observation, interviews with teachers and drawing with children, so that the educational purpose that permeates the idea of autonomous subject, whose pedagogical practice is based, can be determined. In presenting the relationship between the school environment and the development of children's autonomy, we understand that the organization of the school environment and the development of autonomy is essential, because the organization becomes a generator of meanings that have a cause and effect relationship. In the singular development of each student, that is, one must seek the meaning of the conscious actions made by the children. In addition, it positively influences executive function, linked to cognitive development, improving thinking, problem solving and task flexibility, all of which constitute for an autonomous education, taking into account the limits to be worked and understood.

Keywords: Autonomy. School Organization. Child education.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
2.1	A AUTONOMIA COMO FUNDAMENTO E SUA ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO.....	15
2.2	ORGANIZAÇÃO DO AMBIENTE ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	18
2.3	AUTONOMIA E AMBIENTE: DE QUE FORMA CONCILIAR?.....	21
3	METODOLOGIA.....	24
3.1	TIPO DE PESQUISA.....	24
3.2	INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS.....	25
3.3	CAMPO E SUJEITOS DA PESQUISA.....	26
3.4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	27
3.5	QUADRO METODOLÓGICO.....	28
4	ANÁLISE DOS DADOS.....	30
4.1	DADOS OBTIDOS ATRAVÉS DAS OBSERVAÇÕES.....	33
4.1.1	<i>Observação do cotidiano da professora A.....</i>	33
4.1.2	<i>Observação do cotidiano da professora B.....</i>	35
4.2	ENTREVISTANDO AS DOCENTES.....	39
4.3	“COM A PALAVRA: AS CRIANÇAS!”: PERCEPÇÃO INFANTIL DA SALA DE AULA ATRAVÉS DO DESENHO.....	47
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
6	REFERÊNCIAS.....	57
7	APÊNDICES.....	59

1 INTRODUÇÃO

Pensar em educação é voltar os olhares para toda a carga de significado que esta palavra carrega consigo, na Educação Infantil não é diferente. É preciso levar em consideração todas as visões de mundo que se chocam. A Educação Infantil sofreu intensas modificações no decorrer da história, pois cada período a transformava aos seus interesses e necessidades. Em sua maioria, as lutas envolvidas nesse âmbito tinham por objetivo o interesse de outros e não para o benefício das próprias crianças, assim como relata Abramowicz (2003, p. 16).

Talvez com tantos acontecimentos, mudanças, objetivos, preconceitos e vários outros aspectos, ainda hoje, exista uma desvalorização por parte da sociedade acerca da função da Educação Infantil. Muitos veem este espaço como um lugar para se deixar a criança enquanto estiverem ocupados em outros lugares fora do ambiente de suas casas, ou ainda, não demonstram preocupação com o que está sendo ensinado às crianças e apenas enxergam a parte do “cuidar”, quando dever-se-ia entender a tríade do “educar-brincar-cuidar”. Na escola, a criança precisa ser ouvida e compreendida, pois é ela quem está diretamente envolvida neste ambiente.

O espaço que a escola propicia deve ser o de enfatizador à cultura e ao brincar, incentivar a imaginação, criatividade, reflexão, aprendizado da criança em seu desenvolvimento pleno. Como afirma Carvalho (1999) acerca do papel do educador é que “para atuar significativamente junto à criança, concebida como sujeito interativo na elaboração de seu conhecimento, o professor deve constituir-se como um participante que constrói e reconstrói, na interação, o seu próprio conhecimento”.

A crítica aqui apresentada é entendida como a capacidade de analisar determinadas situações de forma autônoma, ou seja, por si próprio, levando em consideração que este “analisar por si só” não é no sentido egocêntrico. Neste caso, a atitude crítica se volta para a competência da resolução de certos aspectos de ações do cotidiano sem precisar estar sempre recorrendo a outros. Sem o pensamento de negação ao outro, ao próximo, mas que o indivíduo possa desenvolver a percepção gradual de sua capacidade.

A autonomia das crianças é um aspecto fundamental que pais e professores almejam no processo de ensino. Assim como é colocado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil estabelecendo que “as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira” que garantam à criança a possibilidade de “situações de aprendizagem mediadas para a elaboração da autonomia das crianças nas ações de cuidado pessoal, auto-organização, saúde e bem-estar” (BRASIL, 2010, p. 25-26).

Para fins de justificativa, devemos tentar compreender que um objeto de estudo, em si, já é motivo de pesquisa, pois, existindo no mundo real, sua essência já torna-o como elemento aplicável de estudo. Mas, para questões acadêmicas que apliquem uma legitimidade maior a esta pesquisa, podemos enfatizar que foi realizado um levantamento bibliográfico por trabalhos acadêmicos na plataforma digital de pesquisa, o Banco Digital de Teses e Dissertações da CAPES – BDTD, tendo como palavras-chave nos descritores os seguintes termos: “autonomia, organização escolar, educação infantil e criança”. Diante disso, selecionamos nove trabalhos, os quais estavam em consonância com a temática da pesquisa. Dos nove, quatro trabalhos apresentam um direcionamento no debate sobre a organização dos espaços da sala e os outros cinco debatem sobre a autonomia da criança desenvolvida na escola ou a importância dessa para a vida e sociedade.

Assim sendo, os trabalhos estudados debatem autonomia e organização escolar de forma separada, isto é, não há um entendimento de que os dois conceitos, quando trabalhados em conjunto, podem capacitar o aluno a um determinado resultado.

Portanto, a relação entre as duas temáticas ainda é entendida de forma breve e não há uma maior visibilidade nas pesquisas. Além disso, durante minha trajetória acadêmica, vivenciei momentos formativos de estágios não obrigatórios, remunerados, entre outros, os quais possibilitaram a elaboração de argumentação sobre a didática utilizada em certos ambientes com a Educação Infantil. A essas experiências, juízos de valores e reflexões foram aplicados e constantemente dialogados com o que era vivido em sala de aula ou dialogados com documentos pedagógicos, o que levou à curiosidade de aprofundar nesta temática para, futuramente, ser construída uma pesquisa acerca do assunto.

A escolha desta temática se deu a partir das experiências vivenciadas nas disciplinas de Estágio Curricular obrigatório, disponíveis na matriz curricular do curso de Pedagogia da UFRPE/UAG, como também as diversas e constantes discussões nas aulas da disciplina de Fundamentos da Educação Infantil. Ainda é válido ressaltar a oportunidade de situações vividas em Estágio Não-Obrigatório, no qual a convivência com uma turma nesse nível, se deu em longo prazo. Ao que foi observado, as crianças chegavam à escola ainda muito dependente do adulto para atividades básicas, como calçar os sapatos, abrir embalagens na hora do lanche, guardar os brinquedos, etc.

Em leituras, palestras e discussões percebeu-se que durante um processo diário na sala de aula de construção da autonomia a partir do próprio ambiente de interação, as crianças apresentaram um melhor desempenho em relação as suas atitudes, a postura tomada pelas crianças mostrava um pensamento de entendimento em vista de suas responsabilidades. Tendo isto como apoio, observou-se a importância de tratar este conhecimento como pesquisa e disponibilizá-lo para outros professores.

A presente pesquisa buscou, então, analisar de que maneira a organização do ambiente escolar (sala de aula) na Educação Infantil contribui para o desenvolvimento da autonomia da criança. Para alcançar este objetivo, foi proposto também identificar a relação entre a prática do educador e a organização da sala de aula; refletir acerca dos aspectos de autonomia presentes na prática docente e caracterizar quais os sentidos atribuídos pelas crianças ao ambiente escolar em que convivem e constroem diariamente.

De certa forma, as crianças são tidas como sujeitos que só se desenvolvem a partir de certa idade, quando, na verdade, é justamente na tenra idade que vão se constituindo e formando aspectos importantes para o desenvolvimento do ser humano. É válido ressaltar que esta questão deve também considerar o fazer pedagógico, porém, existem muitos conhecimentos que precisam estar presentes no dia a dia.

Para uma Educação Infantil que vislumbre atender aos reais direitos das crianças, é preciso propiciar ambientes instigantes à criança a se descobrir, a se encantar, encorajá-las à descoberta de coisas que estão rodeando seu mundo. A conquista da autonomia inicia a partir dos desafios propostos no ambiente planejado pelo educador para a criança. Diante disso, nos surge a pergunta: Como a

organização da sala de aula influencia no desenvolvimento da autonomia das crianças nas salas de aula da Educação Infantil?

Para o desenvolvimento da autonomia da criança, o ambiente deve ter uma proposta desafiadora para este, viabilizando e aguçando a curiosidade para a descoberta de fatos e menor dependência do outro – pais, educadores, colegas etc. A organização do espaço deve incentivar a criança à compreensão de como as situações sociais são em geral organizadas, percebendo as regularidades, mudanças e rotinas e orientando suas atitudes.

Para melhor entendimento deste trabalho, os capítulos foram summarizados de forma que encontraremos no primeiro deles o diálogo sobre como a autonomia se torna um fundamento educativo a partir da filosofia grega, como é entendida por eles e como foi trabalhada nesta pesquisa. A seguir, no segundo capítulo é discutido a questão organizacional da escola na Educação Infantil, quais os elementos que fazem parte e qual a real importância do ambiente na infância. Já no terceiro capítulo, discutiremos um pouco mais sobre a autonomia, desta feita, relacionada com a ideia de espaço anteriormente estudada e de que forma o professor pode conciliar estes conceitos em sala. E, no quarto capítulo, apresentamos as questões metodológicas que viabilizaram a construção desta pesquisa. Logo em seguida, apresentaremos os dados coletados, analisando-os com base na fundamentação teórica apresentada neste trabalho e concluiremos o trabalho com as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A seguir, aprofundaremos debates em teorias que contribuíram para construção desta pesquisa, tanto para entendimento quanto análise dos dados. Alguns dos autores utilizados foram Abramowicz (2003), Barbosa (2006), Corsino e Nunes (2009), Frago e Escolano (1998) e Rodrigues e Amodeo (2005).

2.1 A AUTONOMIA COMO FUNDAMENTO E SUA ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO

Desde os primórdios da busca por uma elaboração técnica da educação, sabemos que este fenômeno se constitui de certos aspectos imutáveis, talvez pelo seu caráter de relação ontológica com o ser para qual ela se designa, ou seja, a educação existe porque há uma necessidade para a qual ela tem serventia, um sentido. Os gregos elaboraram uma paideia, uma educação que buscava desenvolver no sujeito seus aspectos cognitivos e espirituais, tendo em vista que este termo tem uma grande amplitude, significando várias áreas do saber humano, assim a educação grega buscava ser holística, interdisciplinar por essência.

Na Idade Média nasce uma nova paideia, esta por sua vez seria uma paideia cristã, cujo os objetivos seriam religiosos, o fim do homem medieval era Deus, e o seu saber seria voltado para Ele. Na Idade Moderna, nasce uma nova antropologia, esta por sua vez reivindicava uma nova “autonomia” para o homem, dessa vez não mais presa nas rédeas de um homem grego nem do religioso medieval, que também buscavam sua autonomia.

Queremos dizer com isto que mesmo tendo sua finalidade variada, a educação tem por aspecto estrutural tornar o sujeito autônomo, em outras palavras, liberto de algo, capaz de escolher aquilo que ele deduz ser correto. Em todos os momentos da história da educação, percebe-se que não há como mudar o seu caráter emancipatório.

A educação traz consigo sempre uma busca para conduzir alguém de um determinado estado para outro considerado melhor e, consequentemente, a educação não pode violentar. Além de educar, é mostrar ao sujeito que o sentido de algo pode ser apreendido antes de ser obedecido. Sendo assim, a educação torna os indivíduos capazes de emergir de um estado de “cegueira” para torna-se senhor

responsável de suas próprias escolhas, ou seja, toda educação tem por finalidade a autonomia.

Em consideração as fases da vida humana, sabemos que cada uma é constituída de objetivos, desejos e limites, cuja importância para a fase posterior é maior, sendo improvável uma educação que não levasse em consideração esse processo. Nas instituições educacionais, os conteúdos são divididos por etapas, isto é, existem saberes precedentes a outros. Lembrando que a educação não se refere apenas ao aspecto conteudista, mas de formação humana, o sujeito precisa conduzir o conhecimento que tem em mãos à uma boa finalidade. Sem autonomia, nenhum conhecimento seria bem aproveitado, pois o seu possuidor não saberia assumir a responsabilidade sobre isto, e fazer bom uso da sua liberdade. Mas, para alcançar esse nível de autonomia, devemos lembrar que a ideia de autonomia existe dentro de ciclos, de etapas, significando que cada fase possui um tipo de autonomia, levando sempre a uma preparação ao estágio seguinte.

Neste trabalho nos referimos a uma autonomia que deve ser desenvolvida nos primeiros anos, pois ela irá garantir a criança um sentido de responsabilidade por certos aspectos da sua vida, como escovar seus próprios dentes, ajudar seus coleguinhas ou até mesmo ir ao banheiro. Fazer algumas tarefas no seu cotidiano irá desenvolver na criança segurança, fazendo inocular o sentido da liberdade dada para o uso da sua responsabilidade, ou seja, ser autônomo dentro dos limites da sua fase. Com isso, a educação volta-se para a formação humana, e desenvolverá aspectos morais e cognitivos da criança.

A Educação Infantil tem grande relevância na formação humana, o seu papel essencial funciona como os alicerces de uma casa, ela é a base que sustentará tudo o que será construído posteriormente; provavelmente, partindo desta afirmação podemos deduzir, sem uma Educação Infantil de qualidade muito se perderá na formação adulta, um fruto de alguma defasagem na esta etapa poderá configurar uma lacuna.

Para haver uma Educação Infantil de qualidade, devemos nos valer dos meios mais eficazes de fazer a criança interagir, ter equilíbrio, conhecer. Nos dias atuais, só crescem os números de trabalhos a respeito dessa fase, fazendo-se presente o uso de várias ciências, como a Sociologia, História, Pedagogia e Psicologia. O entendimento dos aspectos da fase infantil nos fornece um maior conhecimento de como construir uma base sólida para a vida adulta, no que concerne tanto ao

desenvolvimento cognitivo quanto moral. Em última análise, não podem ser vistos como separados, mas sim relacionando-se na formação da personalidade.

2.2 ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ao analisar o espaço escolar, é importante entendermos os diversos termos que se utilizam para definir este – como lugar, espaço, ambiente e território. A priori, a educação na escola se fundamenta a partir do espaço físico que, de forma breve, é neste espaço em que há o estabelecimento das relações sociais.

Na Educação Infantil, entendemos o ambiente como um espaço que se transforma em diferentes contextos, dependendo do que é proposto, de como é visto e da intencionalidade do professor.

No ambiente escolar ocorre uma diversidade de momentos que modificam as visões de mundo em derredor e se encontram. A escola torna-se espaço de construção, no qual professores e alunos trocam experiências e constroem uma atmosfera apta, para que a aprendizagem com autonomia seja efetuada.

O termo “ambiente” abrange, em si, elementos de um espaço que é construído cotidianamente a partir das relações existentes pelos envolvidos, de forma que a transformação e organização neste decorre da atribuição de significados dos indivíduos que o utilizam, de acordo com Barbosa (2006). Desta forma, os tipos de relações têm grande parcela na constituição do tipo de significado emergido do ambiente, relações boas e prazerosas promovem um ambiente mais envolvente na construção do saber.

Com esta noção, podemos entender que o ambiente é um espaço primordial na infância, pois é a fase inicial humana que necessita de estímulo para o desenvolvimento hábil dos “primeiros esquemas cognitivos e motores, ou seja, um elemento significativo do currículo, uma fonte de experiência e aprendizagem” (FRAGO; ESCOLANO, 1998, p. 26). Assim também, deve ser compreendido como um assegurador na formação dos sujeitos envolvidos, sendo mediador da cultura e dos costumes sociais. As crianças necessitam de um ambiente que forneça a construção dos aspectos importantes para formação do seu caráter e personalidade, valores e conhecimentos, geradores de melhores pessoas, cidadãos, filhos, profissionais e em diante.

É notório que o ambiente familiar é o primeiro contato da criança com o mundo, no qual ela aprende noções básicas da vida humana, valores e regras. Conseguinte, a criança começa a experimentar a fase escolar, para desenvolver conjuntamente potencialidades presentes em seu cognitivo e progredir em sua

socialização com as pessoas e com o mundo. O espaço escolar passa a ser reconhecido, uma vez que a jornada diária nesses lugares equivale a quase metade de seu dia. Para isso, segundo Rodrigues e Amodeo (2002) é versado que

No dia a dia, para que se dêem as interações da criança com o mundo físico e social, é necessário que se oportunizem situações de tomada de decisões, escolhas e intercâmbios dos pontos de vista, promovendo a manifestação da autonomia, da cooperação, tão importantes na formação do cidadão (2002, p. 9).

À medida que se entende o espaço como um instrumento de ensino e aprendizagem, elementos mobiliários, brinquedos, carteiras, bancos, lousas, quadros não são definidos como sendo “do professor” e “do aluno”, mas como integrantes de um processo de desenvolvimento de troca de saberes, conhecimentos e de habilidades. Entretanto, temos de ressaltar que estes objetos não definem nem garantem o sucesso no resultado, mas auxiliam no preparo das atividades e na conquista dos objetivos. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) trabalha essa questão como sendo o ambiente um facilitador do desenvolvimento

[...] A melhoria da ação educativa não depende exclusivamente da existência destes objetos, mas está condicionada ao uso que fazem deles os professores junto às crianças com as quais trabalham. Os professores preparam o ambiente para que a criança possa aprender de forma ativa na interação com outras crianças e com os adultos (BRASIL, 1998, p. 68).

Para uma melhor orientação no desempenho da utilização do ambiente escolar infantil, Rodrigues e Amodeo (2002) delinearam nos Cadernos Pedagógicos algumas linhas norteadoras para a faixa etária dos quatro aos seis anos, foco desta pesquisa, como pontos fundamentais que engatilharam na triagem desta temática e que vêm sendo discutidas anteriormente.

Enfatizamos a última orientação a seguir que sucede a apresentação do próximo capítulo. Mesmo que compreendendo a importância de todas as orientações estudadas e desenvolvidas, destacamos apenas algumas que condisseram aos objetivos e instrumentos desta pesquisa, sendo

- Proposição de atividades cooperativas a partir de constantes negociações [...];
- [...] – Favorecimento e consolidação da autonomia das crianças no que se refere ao vestuário, hábitos de higiene e alimentação, cuidados com os seus pertences e os da escola (RODRIGUES; AMODEO, 2002, p. 12).

Frente a tudo isto, podemos perceber a demanda do indivíduo em produzir bons resultados a seu tempo, mesmo com o esforço do professor e a diversidade de atividades dirigidas à criança. O respeito ao ritmo de cada um possibilitará a fruição do desenvolvimento de suas potencialidades, habilidades, criatividade, limites, autonomia e capacidades, levando em conta “interesses próprios e necessidades peculiares” (RODRIGUES; AMODEO, 2002). Ou seja, diante da diversidade de personalidades diferentes, e formas de desenvolvimentos cognitivos e morais, entende-se o caráter de unicidade na aprendizagem de cada aluno como um ser único, não devendo ser comparado no modo de aprender e ritmo.

2.3 AUTONOMIA E AMBIENTE: DE QUE FORMA CONCILIAR?

A partir do entendimento da importância e da atuação do ambiente no processo de desenvolvimento da criança, percebemos um dos resultados como sendo a autonomia desta, seja ela corporal, cognitiva, de higiene, cuidados e vários outros.

Sem um ambiente apto para o desenvolver autônomo, ou seja, sem a relação entre ambiente e autonomia esses dois aspectos perdem o sentido no processo educativo, o ambiente existe para desenvolver a autonomia e a autonomia precisa do ambiente como meio para ser desenvolvida, esta é uma relação intrínseca na estrutura da Educação Infantil.

Atualmente, é observado que a autonomia tornou-se um dos elementos básicos e fundamentais para a formação de indivíduos capazes de desenvolvimento independente, sem ser manipulado pelas ideias que o cercam, assim como defende Ramos (2008, p. 2) afirmando que “a autonomia é a base da dignidade de todo o ser humano, sendo o princípio fundamental da vida moral e da identidade da pessoa”.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil:

As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira e Garantir experiências que: [...] Possibilitem situações de aprendizagem mediadas para a elaboração da autonomia das crianças nas ações de cuidado pessoal, auto-organização, saúde e bem-estar [...] (BRASIL, 2010, p. 26).

Nesta pesquisa, adotamos o entendimento que a autonomia pode ser uma espécie de consciência do indivíduo em ter a possibilidade de domínio sobre certos aspectos de uma atividade ou da sua própria vida em cotidiano, e, para que isso aconteça, não se pode compreender a autonomia sem lembrar que ela só existe quando acompanhada de um grau de liberdade que venha a dar permissão a sua execução.

Outro quesito a ser destacado, é que a autonomia só pode ser entendida como autonomia quando percebida pelo indivíduo – no caso, a própria criança – possuidor desta característica. Isto está intimamente ligado com o ato de ter uma consciência, de forma parcial ou completa, da responsabilidade de realizar certas tarefas na sua vida prática. É o significado atribuído a realização dessas tarefas pelo

próprio indivíduo que permite a este o reconhecimento próprio como autônomo em algo.

Este conceito é um fator relevante na sociedade pós-moderna. A formação deste elemento desde a mais tenra idade, favorece meios para a constituição de um ser com confiança e crítico acerca de como e quais maneiras realiza algo, sem se medir a partir de padrões, mas reconhecendo suas capacidades e limitações. À escola, cabe o auxílio para o desenvolvimento da autonomia, proporcionando momentos oportunos para se chegar a tal resultado.

É importante ressaltar a participação da família no processo de desenvolvimento da criança e da autonomia, pois é neste ambiente que a criança passa grande parte da infância e se oportunizam situações de aprendizagem. Mas, também, é importante a consciência e incentivo por parte dos membros dessa família, a partir de atividades que permitam uma certa independência em atividades corporais, emocionais, cognitivas, e respeitando as etapas de percepção e aprimoramento das crianças em relação a tudo isso. Em suma, a psicóloga Vascos, (2013, p. 13) trata essa questão afirmando o seguinte

Os pais dessa nova geração tendem a ser mais ansiosos, permissivos dentro de casa e extremamente acelerados; não sabem esperar o tempo da criança e fazem a tudo por ela, daí a origem da superproteção. Eles atropelam o ritmo dos filhos e não aguardam impedindo que a autonomia aconteça naturalmente (MULLER; VASCOS, 2013, p. 13).

Vivemos em tempos dos quais precisamos resolver diversas situações em pequenos espaços de tempo, nos dedicando demasiadamente no trabalho, na faculdade, no contexto familiar para tingir objetivos que nós mesmos criamos ou somos cobrados e, por vezes, não conseguimos perceber isso no cotidiano chegando a realizar tais tarefas no modo automático. Nessa mesma medida, acabamos por cobrar das crianças, sejam estes alunos ou filhos, essa mesma dedicação, esforço e cumprimento em curto prazo.

O que Muller e Vascos (2013) explicitam é justamente essa “pressa” e “correria” que influem nas ações dos pais, ou exigindo das crianças uma evolução rápida sobre conceitos que requerem um longo período de tempo ou tomando o espaço da criança nas decisões e atitudes que deveriam ser tomadas pela própria. A autonomia precisa ser, antes de tudo, entendida pelo sujeito para que, assim, este possa desenvolvê-la, criando situações e oportunizando momentos para tal,

entendendo que não se pode definir um tempo em que será alcançada autonomia, respeitando o ritmo de cada um.

Com isso, observa-se também a marca dos nossos dias atuais, toda cultura que cerca a família e, consequentemente, a criança recebe a influência de uma sociedade com transtornos de ansiedade e inautenticidade, uma parcela desses problemas são gerados pelas cobranças e imersão demasiada numa realidade virtual. As redes sociais, infelizmente, também são consideradas geradoras de problemas, muitas crianças trocam as brincadeiras da infância pelo celular, e a superproteção dos seus pais não permite que isso seja tratado com o cuidado necessário. Todavia, a utilização desses instrumentos tecnológicos podem viabilizar interessantes recursos de interação e aprendizagem, seja usado na sala de aula ou não, apenas o excesso ou o descontrole do uso torna-se problemático.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa utilizou o método dedutivo, pois, como afirma Xavier (2010, p. 37), “o pesquisador inicia a pesquisa guiando-se por uma hipótese ou teoria sobre o funcionamento e características de um determinado fenômeno natural ou humano”. Em observações nas pesquisas acadêmicas realizadas durante o curso, bem como em experiências vividas em estágios, percebemos uma predominância em trabalhar apenas aspectos físicos da criança, sem a proposta de incentivar a criança à descoberta do que lhe permeia e de si mesmo, a partir do espaço escolar. Ou ainda enfatizar a escrita e dominância da leitura, mesmo que inicialmente.

Dessa forma, procuramos observar a importância do planejamento e criação de espaços desafiadores às crianças, de modo que elas possam admitir-se capazes em relação às suas atitudes e escolhas de forma autônoma.

A abordagem admitida nesta pesquisa foi a qualitativa, que segundo Triviños (1987)

[...] trabalha os dados buscando seu significado, tendo como base a percepção do fenômeno dentro do seu contexto. O uso da descrição qualitativa procura captar não só a aparência do fenômeno como também suas essências, procurando explicar sua origem, relações e mudanças, e tentando intuir as consequências (1987).

Mediante isto, a inserção da pesquisadora no campo de observação serviu como base para colher os fenômenos no seu lugar de origem, descrevendo e analisando-os mediante o entendimento das docentes sobre o espaço propício e os alunos e como esse pode influenciar no desenvolvimento da autonomia, quando com direcionamento. Entendemos, do mesmo modo, que a observação na esfera de ação possibilita ao pesquisador um maior aproveitamento das informações catalogadas, pois ela auxilia na identificação dos fenômenos e aproximação dos objetivos que envolvem os sujeitos de forma irreflexiva, mas que direcionam seu comportamento (MARCONI & LAKATOS, 1996, p. 79).

3.1 TIPO DE PESQUISA

Na pesquisa de campo, segundo Severino (2007, p. 122) “o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta dos dados é feita nas condições

naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador". Nesse sentido, a espontaneidade e fluidez das situações possibilitam ao observador uma coleta de dados diretamente no lugar em que acontece o fenômeno.

Logo, buscamos compreender se o ambiente escolar possibilita a construção do desenvolvimento da autonomia na infância e quais maneiras isso é observado pela própria criança e também educador, sem a intenção de manipular e intervir nos resultados por parte do observador.

Em seguida, selecionamos alguns instrumentos para auxiliar na pesquisa, tendo em vista que a utilização destes abrange uma grandiosidade mor de fatos descritos, bem como na explanação e entendimento do objeto em estudo (TRIVIÑOS, 1987), tais como: a observação em sala de aula, a entrevista e desenho com as crianças.

3.2 INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS

Através da observação, tivemos um suporte maior para os demais instrumentos de análise e obtenção de dados, pois é a fonte "pura" do estudo, em que se observam, percebem, analisam, avaliam e trabalham os fenômenos de forma mais evidente. Segundo Cervo & Bervian (2002, p. 27), "observar é aplicar atentamente os sentidos físicos a um amplo objeto, para dele adquirir um conhecimento claro e preciso".

Inicialmente, selecionamos a entrevista como o instrumento de coleta de dados a ser desenvolvido com as docentes, para uma melhor visualização e interpretação dos acontecimentos e fenômenos ocorridos nas salas de ambas. Porém, ao adentrar no campo de pesquisa, não foi possível realizar tais entrevistas, pois a dinâmica das salas, bem como o tempo pedagógico utilizado pelas docentes, não permitiu que coletássemos dados dessa maneira. Com isso, fez-se necessário o uso do questionário que, de acordo com Marconi e Lakatos (1996, p. 88) este instrumento é definido como "[...] uma série ordenada de perguntas, respondidas por escrito sem a presença do pesquisador", ou seja, elaboramos onze questões relacionadas a esta pesquisa com o intuito de obter dados relevantes para uma análise mais aprofundada (ver Apêndice 1), bem como uma forma de adaptação à

participação dos sujeitos desta pesquisa, respeitando as limitações e dificuldades de cada contexto.

No que diz respeito ao desenho, como instrumento desta pesquisa, Natividade (et. al., 2008) nos explica que este recurso é de grande valia com crianças, pois é refletido nele aspectos linguísticos, imaginários, perceptivos, emocionais, significativos, isto é, abrangendo etapas do cognitivo e psicológico, podemos compreender como as crianças significam algo do cotidiano.

Com isso, Vygotsky (1998) ressalta ainda que o desenho infantil precisa ser interpretado com base no contexto histórico cultural no qual a criança se relaciona, pois o retrato da realidade construído por ela decorre daquilo que lhe é ofertado. Direcionando-se pelo mesmo pensamento, Ferreira complementa: “os significados das figurações do desenho da criança são culturais e produto das suas experiências com os objetos reais mediadas pela palavra e pela interação com o outro” (2001, p. 35).

Logo, atendendo à pesquisa, o desenho possibilitou o entendimento da criança para com o espaço escolar, da forma como observa e se entende como um apoio ao seu próprio desenvolvimento, em que temos uma amostra da didática alicerçada na prática do docente em atuação.

3.3 CAMPO E SUJEITOS DA PESQUISA

Para o prosseguimento desta pesquisa, foi realizada uma pesquisa de campo na Escola Municipal Balão Mágico¹ que atende ao público da Educação Infantil, visando, compreender como a organização do espaço e como este influencia na vivência dos alunos e auxilia o educador na estimulação do desenvolvimento da autonomia.

Os sujeitos envolvidos na pesquisa são duas docentes e seus educandos, num total de quarenta crianças. Atendendo a metodologia construída, antepomos a ida ao campo para compreender como a organização do espaço escolar contribui para o desenvolvimento da autonomia na infância e como é observado pelo educador. A escola selecionada pertence à na Rede Municipal de Garanhuns, sendo nomeada de Escola Municipal Balão Mágico, tendo como foco os alunos com faixa etária entre 4 e 5 anos.

¹ Nome fictício para preservação de identidade dos sujeitos envolvidos da escola escolhida.

3.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como a escolha do campo em que foi estudado teve seu foco centralizado na Educação Infantil, a escola foi selecionada devido a inserção que tive através de estágio não-obrigatório, na qual passei a ter um maior conhecimento do ritmo da escola, da comunidade escolar e da proposta pedagógica. Esta pesquisa foi direcionada a ter como sujeito direto o educador e como sujeitos indiretos, os alunos, para que, assim, possa ser entendido como se efetiva a relação no espaço escolar e a intencionalidade do educador sobre este espaço em consonância com o desenvolvimento da autonomia.

Para um mapeamento do campo conceitual que está inserido a temática da pesquisa, realizamos inicialmente um levantamento bibliográfico na plataforma online de pesquisa do Banco Digital de Teses e Dissertações da CAPES (BDTD), utilizando nos descritores os termos: “autonomia, organização escolar, educação infantil e criança”, encontramos trabalhos acadêmicos que debatiam os conceitos de espaço escolar e autonomia na Educação Infantil, buscando verificar quais os teóricos mais requisitados para este tipo de pesquisa e como esses conceitos eram entendidos por pesquisadores e pesquisados.

Para viabilidade do tempo e tendo em vista os objetivos desta pesquisa, selecionamos as palavras-chave que caracterizam a temática discorrida, filtrando as pesquisas com tais aspectos e mais recentes, no intervalo de 2015 a 2018. Com isso, do total, selecionamos nove trabalhos que estavam em consonância com esta pesquisa (ver apêndice 5).

Quatro destes trabalhos, tem como foco a organização dos espaços das salas de aula na Educação Infantil que, de forma breve, apresentam a importância sobre a organização destes espaços e sua interferência como um elemento a mais no desenvolvimento da criança e no processo de ensino e aprendizagem. Os outros cinco trabalhos se subdividem em alguns conceitos diferentes de autonomia, tais como a autonomia moral das crianças, corporal, cognitiva, pessoal – no sentido de higiene pessoal – que são construídas pouco a pouco no cotidiano escolar, e também familiar, e sua importância em nossa sociedade. Em vistas a isso, pudemos perceber também que cada pesquisa trabalhava com um sentido de autonomia, caracterizando a diversidade e profundidade sobre tal tema.

Destarte, constatamos em tais pesquisas que os conceitos em questão, mesmo resultando em uma série de debates, não aclaravam a importância da organização do espaço como um instrumento de ensino e a ênfase da autonomia se relacionavam mais a gestão escolar do que aos alunos.

Por meio das experiências vivenciadas e observadas na carreira docente da pesquisadora, foi percebido que o espaço escolar, por vezes, não era pensado como um instrumento a mais em sala de aula que oferece auxílio para o desenvolvimento de muitas habilidades ou ainda de suporte no direcionamento de atividades.

Diante disso, a ida ao campo surgiu em vistas à compreensão sobre como a utilização do espaço da sala de aula pode orientar no desenvolvimento da autonomia na infância e como é observado pelo educador e por seus alunos. É válido ressaltar que todos os participantes da pesquisa foram preservados de sua identidade a partir do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), não sendo obrigados a participar, caso não se sintam confortáveis.

3.5 QUADRO METODOLÓGICO

A fim de aclarar e facilitar o entendimento da presente pesquisa, estruturamos um quadro metodológico no qual foram reunidos os objetivos específicos e o instrumento de pesquisa que viabilizaria a coleta de dados, como podemos visualizar a seguir

OBJETIVOS	INSTRUMENTOS
Identificar a relação entre a prática do educador e a organização da sala de aula	Observação
Refletir acerca dos aspectos de autonomia presentes na prática docente	Questionário
Caracterizar quais os sentidos atribuídos pelas crianças ao ambiente escolar em que convivem e constroem diariamente	Desenho

Em primeiro lugar, houve a necessidade de identificar se existia alguma relação entre a prática trabalhada no cotidiano das professoras pesquisadas e a organização do ambiente de suas respectivas salas, a intencionalidade colocada sobre este, e para isso realizamos observações durante um intervalo de tempo.

Após esse entendimento, foi preciso realizar uma análise sobre os dados coletados, para, então, elaborar uma reflexão quanto aos aspectos de autonomia, reconhecidos ou não, através da visão das professoras mediante questionário. Entendemos que a sala de aula não é composta apenas por professores, logo, precisaríamos caracterizar quais os sentidos que eram atribuídos pelas crianças em relação ao espaço que conviviam diariamente, através de uma representação pictórica.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Partindo dos pressupostos explicados nos capítulos anteriores, enfatizamos na observação a utilização dos espaços como instrumento de ensino, no geral e principalmente no que concerne ao desenvolvimento autônomo do aluno, de forma implícita ou explicitamente, dirimimos a partir desta separação as formas com a qual a finalidade educativa é direcionada.

Entendemos a ideia de autonomia como um aspecto primordial para a educação, pois sem ela a prática pedagógica se torna meramente instrucional, e não de formação humana, da mesma forma, sem a obtenção das responsabilidades básicas, o desenvolvimento da autonomia nas fases posteriores poderá ser minimizado. Queremos dizer que a autonomia na vida humana funciona metaforicamente como subir degraus, ou seja, não podemos começar pelos últimos.

A fim de compreender a organização física das salas estudadas, descreveremos a seguir alguns elementos destas. A distribuição das carteiras segue um pequeno padrão, algo como uma colmeia, seis carteiras num formato de hexágono, sobrando um espaço relativamente aproveitável e significativo para as docentes e crianças. Há elementos que existem nas duas salas, tais como: os quadros expositivos e informativos – que se subdividem nas categorias alfabéticas, numéricas, da rotina, sobre aniversários, combinados, de atividades coletivas de acordo com o tema gerador e o calendário –; uma pequena cama, um armário e mesa de uso docente. Outros como estante de livros, bebedouro, TV, tatame de letras e fita métrica decorada pertencem a uma ou a outra sala. Além disso, as salas são arejadas e cada uma é equipada com dois ventiladores. Suas dimensões variam de pequeno a médio porte.

Não obstante, é válido ressaltar que observamos também a estrutura física da escola, desde a parte externa até o interior das salas, como cadeiras, móveis, cartazes, etc. No espaço externo da escola, são dispostos alguns brinquedos, construídos a partir da reciclagem de pneus, oferecendo um espaço para o lazer e brincadeiras livres das crianças. Além destes elementos, há duas salas independentes, sendo uma para aula e outra para os momentos e projetos de leitura.

Adentrando a escola, é possível visualizar a entrada para três salas e secretaria, cozinha e o pátio, onde é feita a acolhida, as reuniões com os pais,

apresentações temáticas, etc. Há cartazes dispostos nas paredes que apresentam informações sobre o funcionamento da escola, os horários das atividades ou retratam atividades construídas pelos próprios alunos. Tais cartazes possuem uma altura que não favorece a visualização clara para as crianças, apenas para os adultos. O bebedouro das crianças também apresenta uma altura que dificulta o uso para as crianças menores.

Mais à frente, há um corredor que leva as outras duas salas de aula e a brinquedoteca. Nestes corredores também estão dispostos cartazes com temas geradores e atividades realizadas pelos os alunos, na mesma altura que os demais encontrados na entrada. Há três banheiros na escola, sendo dois destes para os alunos, um feminino e outro masculino, e um para professores e demais funcionários. Não são adaptados para a idade e tamanho das crianças, dificultando na hora do uso e da higiene pessoal. A escola também não oferece acessibilidade para pessoas com deficiência física.

Dentro das salas de aula, as cadeiras e mesas são adaptadas ao tamanho e faixa etária das crianças, bem como as estantes com livros e brinquedos que são acessíveis, o que facilita na dinâmica das salas e na autonomia.

Apesar de não haver uma adequação favorável com relação ao tamanho e altura dos objetos e elementos presentes na escola para as crianças, ressaltamos que ela ainda se encontra neste processo de adaptação, pois, em anos anteriores, a escola atendia até ao 4º ano do Ensino Fundamental, abrangendo uma faixa etária bem maior que a atual. Com a municipalização da escola, esta passou a ser um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) e, assim, as adequações estão no processo inicial para atender as demandas da lei e das próprias crianças.

O horário de funcionamento da escola é integral, sendo seis turmas de, aproximadamente, 20 crianças na parte da manhã, e outras 6 salas no turno da tarde. A maior parte do público que frequenta a escola se encontra na zona urbana, tendo uma pequena parcela da zona rural. Tais crianças estão inseridas num contexto socioeconômico de baixa renda, porém, os responsáveis possuem alguma renda fixa. Além das 6 salas de aula, a escola possui uma sala de leitura, uma brinquedoteca, uma cozinha, uma sala de professores, uma sala para a gestora e coordenadora, um pequeno pátio e um espaço amplo ao ar livre, no qual as crianças recreiam.

As observações efetuadas na sala de aula das professoras A e B foram realizadas no período da tarde, iniciando das 13h e finalizando às 17h, no intervalo de 10 dias, registrando todos os acontecimentos a partir de um diário de campo (ver apêndice 4) sendo descritos em seguida.

4.1 DADOS OBTIDOS ATRAVÉS DAS OBSERVAÇÕES

4.1.1 Observação da prática docente: Professora A

Durante as observações efetuadas na sala de aula da professora A ficou visível a percepção existente da mesma sobre a ideia de autonomia. É interessante destacar que o conceito geral de autonomia quando aplicado no cotidiano escolar lida com diversas limitações, são fatores que tornam o trabalho educacional uma verdadeira arte, e cada professor possui seus próprios meios para obter as suas finalidades.

Inicialmente, há uma acolhida no pátio da escola com todas as crianças da escola, onde realizam uma oração cristã e em seguida cantam e dançam para que, após, se dirijam as suas salas. No primeiro dia de observação, verificamos que as atividades desenvolvidas na sala tinham como objetivo trabalhar a semana do trânsito, tendo elementos que caracterizavam a sala neste sentido, como faixas de pedestres no chão, semáforos, imagens de guardas de trânsito, dentre outros. Na sala, a professora faz a “chamadinha”, na qual as etiquetas com o nome de cada aluno são dispostas sobre uma mesa para que eles possam identificar seu nome e colocar no quadro. Durante este momento, é feito uma contabilização de quantas crianças estão na sala, feitas por elas mesmas, com auxílio da professora.

Em seguida, a professora apresentou uma história a partir da imagem de um semáforo disposta no quadro, introduzindo a explicação para a atividade que seria feita em seguida. Foi aberta uma roda de conversa com os alunos, na qual a professora estimulava-os a apresentarem suas experiências e opiniões sobre o tema em questão. Diante disso, percebemos a ênfase no uso da oralidade na prática desta professora, na qual é destacada uma boa capacidade de comunicação, expressando-se muito bem com os alunos, logo, ela se utiliza desta capacidade como o maior elo para atingir o seu escopo.

Com o término da atividade sobre o trânsito, a professora iniciou outra atividade relacionada às letras do alfabeto. Com uma música já conhecida pelos alunos, ela novamente conversou com eles, rememorando assuntos anteriormente estudados e relacionados à atividade. O horário de lanche e recreio varia de 30 a 40 minutos. Em seguida e na sala após o recreio, a professora fez o momento da contação de história, em que os alunos montavam a história a partir das imagens e,

mais uma vez, iniciava um debate com a história, dessa vez, correlacionando a temática do livro com assuntos do dia, tais como confrontos e disputas entre os colegas, valores, etc. A atividade para casa também era realizada desta forma, através da explicação oral ou contida na história. Ademais, a rotina da sala da professora A tinha essa estrutura de atividades, desde a chegada até a saída.

É importante salientar que em alguns dias da semana, a professora dirigia os alunos a alguns espaços da escola, sendo estes a brinquedoteca e a sala de leitura, pois é determinado pela secretaria da escola um cronograma com tais atividades.

Durante os dias que foram feitas as observações, percebemos os diversos significados que a sua prática gerou entre os alunos. A organização da sala foi colocada em segundo plano pela professora, pois mesmo sem demonstrar alguma intencionalidade nisso, a prática docente desta não dava abertura para uma maior participação do ambiente como elemento de interação e aprendizagem dos alunos. Novamente, reforçamos a importância da utilização do espaço por parte do professor, pois, apesar da elevada quantidade de quadros e "cantinhos" na sala, como descrito anteriormente, o uso destes não era tão frequente durante as observações, o que dava uma conotação mais decorativa do que educativa (MEDEL, 2014).

Nesse sentido, observamos certo esmorecimento de alguns alunos quanto à questão participativa nas aulas, pois não percebia-se na maioria das crianças uma capacidade de escolha e interação, isto é, a partir do reducionismo da prática pedagógica ao elemento apenas discursivo, oral, era gerado uma limitação nas possibilidades de maior participação dos alunos e, por consequência, no desenvolvimento autônomo.

O fazer pedagógico conta com uma constante reflexão sobre a prática que efetuamos diariamente, desta forma, o educador que almeja a construção de uma educação autônoma, deve postular um princípio de rememoração sobre o seu fazer educacional, assim podendo refletir em quais aspectos deve melhorar, ser mais prudente, ou até mesmo quais as estratégias pedagógicas que deve redefinir ou aderir para conseguir um melhoramento na sua prática.

Percebemos na sala da professora A o quanto difícil e exigente é o fazer pedagógico, cada criança que ali está possui uma experiência subjetiva sobre a objetividade que a cerca, tendo fatores diversos na sua formação intelectual e moral, ou seja, o meio na vida da criança é um fator que pode ajudá-la a libertar ou oprimir

o desenvolvimento da sua maior autonomia. No ambiente escolar, observamos o encontro de todos os tipos de crianças e são essas singularidades coexistentes, no mesmo lugar, que faz a educação uma prática de reflexão diária, de como fazer o melhor ambiente que possibilite uma melhor estadia para todos.

A educação precisa ser eminentemente democrática, pois cada sujeito desenvolve a autonomia de uma forma. O que devemos atentar são os significados atribuídos pelos alunos ao meio educacional, se a criança não está bem, não se sente confortável, a maior parte de seu desenvolvimento será comprometido. O ambiente escolar precisa, antes de tudo, ser lugar de acolhimento. Se até mesmo na vida adulta um lugar que não propicia um acolhimento nos atrapalha, quem dirá na infância.

4.1.2 Observação da prática docente: Professora B

Nas observações que foram efetuadas na sala da professora B, percebemos que a sua prática pedagógica busca uma maior exploração do ambiente. Como dito anteriormente, a acolhida inicial acontece fora da sala de aula, ainda com todas as crianças da escola reunidas. Já na sala, as crianças são recepcionadas pela professora, a qual inicia a música do “Boa tarde coleguinha” e, como de costume, as crianças guardam suas bolsas e se reúnem próximo à professora, num espaço onde tem um tatame de letrinhas. A professora utiliza um fantoche, exposto na parte de trás da porta da sala, para cantar a música, falando o nome de cada um. Após este momento, a professora espalha algumas plaquinhas com carinhas expressando alguns sentimentos (tristeza, alegria, raiva, medo e uma carinha doente) para que as crianças digam qual o seu humor no dia, justificando sua escolha.

Em seguida, é realizado o momento da contação de história, em que a professora apresenta o livro e, logo após, algumas crianças são escolhidas para recontarem. O critério de escolha é feito a partir da lista de chamada alfabética, na qual, duas crianças são escolhidas no dia, auxiliando a professora na realização desta atividade. Um ponto a ser destacado é que, durante este momento, as crianças se apresentaram um pouco agitadas e, percebendo isso, a professora pediu para que eles se levantassem e realizou um exercício de respiração e com um balão com o intuito de acalmá-los. Ao término, as crianças entregaram os cadernos

de casa para correção e brincaram de forma livre. O horário de lanche e recreio nesta sala também varia de 30 a 40 minutos.

Na volta do recreio, a professora entrega massinha de modelar a cada um para manusear de forma livre, momento que durava até 10 minutos. Com isso, a massinha era recolhida pelo ajudante do dia para que pudessem iniciar a atividade. A professora mostrava a atividade que iria ser feita pelos alunos e explicava de forma elucidativa. No primeiro dia de observação, a atividade foi no eixo das Ciências Naturais e tinha como temática os seres vivos e não vivos no qual, para melhor compreensão, a professora direcionou as crianças para o pátio aberto da escola e pediu para eles observassem este espaço, elencando os elementos presentes ali e classificando-os de acordo com a atividade.

Após este momento, as crianças voltaram a sala e iniciaram outra atividade, desta vez sobre o alfabeto, em que a professora dispôs no quadro 6 balões, contendo uma letra em cada um deles, e escolheu 6 alunos para estourá-los, realizando assim, um pequeno ditado de letras na sala. Em seguida, a atividade de casa era explicada da mesma forma que as atividades realizadas na sala. Outras atividades eram desenvolvidas pela professora numa perspectiva do desenvolvimento corporal infantil, tais como atividades de roda e com direcionamento da professora no que se refere a lateralidade, outras atividades objetivavam o desenvolvimento da percepção espacial, dentre outras.

A rotina da sala da professora B seguia esta estrutura de atividades e didática. Os espaços eram utilizados de forma significativa, no qual as crianças já reconheciam para onde iriam e qual atividade realizariam. Outros recursos eram utilizados no dia a dia, para apresentação de vídeos ou músicas envolvidas na temática das atividades. E assim como na sala da professora A, nesta havia também o direcionamento da turma aos espaços da escola, como a brinquedoteca e a sala de leitura.

Com isso, observamos que a professora não afasta a sua capacidade oratória para expor o conteúdo, mas diferencia-se pela ênfase dada nos mais variados aspectos do ambiente, criando um significado subjetivo para elementos e vivências diárias. A perspectiva pedagógica adotada pela professora demonstra implicitamente uma visão de autonomia em que se percebe uma hierarquia de aprendizagens, primeiramente o enfoque é dado aos aspectos concernentes à autonomia física, ou seja, a percepção do corpo, lateralidade.

Em sua prática, também é possível visualizar aspectos voltados ao desenvolvimento da autonomia intelectual e moral - intelectual no sentido do conteúdo trabalhado em sala, através dos eixos de Linguagem Oral e Escrita, Matemática, Natureza e Sociedade, Artes, Música e Movimento -, tudo isso numa perspectiva moral, ou seja, tendo consciência do valor social, do uso das coisas que aprendemos para a utilização com o próximo, bem como o desenvolvimento da cooperação na criança.

Partindo desse pressuposto, entendemos que a ideia de educação da professora B está estreitamente ligada a uma concepção global do desenvolvimento autônomo. A professora enfatiza uma apreensão gradual da responsabilidade autônoma do ser e do desenvolvimento holístico, a partir da interação e cooperação em sala. Utiliza também de estudos sobre a Psicomotricidade, deixando patente os conhecimentos adquiridos com essa área do saber. Com isso, observamos que a mesma trabalha numa perspectiva democrática, pois sua prática busca abarcar a diversidade de visões que interagem naquele ambiente, de forma que todos possam desenvolver a autonomia.

A pedagogia tem o papel de conduzir e essa condução deve visar sempre à passagem de um estado a outro. Para isso, é preciso que o pedagogo tenha em mente um fim a ser alcançado, o qual deve ser democrático, ou seja, não pode existir pré-julgamentos sobre a capacidade de desenvolvimento de todos os que fazem parte do processo educativo. Medel (2014) também entende dessa forma ao ressaltar que "existe abundante evidência empírica que afirma que todas as crianças, não importa sua origem, têm o mesmo potencial de aprendizagem" e que as expectativas do docente sobre isto "se constituem em fator determinante para promover mais e melhores aprendizagens" (MEDEL, 2014, p. 14). Dessa forma, o pedagogo passa a adquirir maiores meios para alcançar tais objetivos.

Esta interação preservada no ambiente torna capaz o desenvolvimento da identidade da criança, visto que é essencialmente importante para ela conviver com o outro, e que esse ambiente suscite o respeito às diferenças, sendo assim, torna-se mais fácil à aceitação das próprias diferenças e o autogoverno. A professora B prioriza esses aspectos em sua prática pedagógica, entendendo o ambiente como gerador de vivências e significados, transparecendo a nítida preocupação com a formação humana.

Essa busca por uma educação que propicie o desenvolvimento autônomo

também implica em grandes dificuldades, mesmo quando o profissional consegue atingir bons resultados. No caso da professora B vale ressaltar que os limites da autonomia que ela exerce no ambiente provoca em alguns alunos um mau entendimento, fazendo-os confundir a liberdade em conjunto com a responsabilidade, dada pela professora, com uma liberdade ilimitada em certos aspectos, seja pela fala da professora em momentos de roda de leitura ou de explicação de atividade que não era respeitada pelos alunos, seja pela ruptura da ordem da professora em momentos diversos.

Entendemos que trabalhar deixando abertura para a criança, isto é, auxiliar na constituição de um ser mais livre, com mais oportunidades em desenvolver suas potências, também é trabalhar com imprevistos, já que a organização e as relações no espaço escolar são inúmeras, e que o cotidiano educativo lida com imprevistos que fazem parte da configuração do processo de ensino. Ao mesmo tempo, entendemos os espaços da escola planejados com base em diversos critérios, dentre eles, a garantia em situações de imprevisto, sem improvisações (FARIA *et al.*, 2007).

Tornar-se capaz de escolher por si próprio, é tomar para si a responsabilidade pelo erro ou acerto. Constatamos isso no desenvolver das interações na sala da professora B, na convivência com mais liberdade, as crianças aprendem a escolher com austeridade, criando identificação com seus colegas de turma. Assim também, entendendo a sua convivência naquele espaço como um dever de ajudar a ordenar o espaço, pois, de forma subjacente, a consciência da criança percebe que as partes formam o todo, entendendo que todos devem fazer sua parte. Para exemplificar isso, a percepção do aluno em não pode jogar o lixo no chão, sujar a banca e nem bater no colega. A liberdade dada aos alunos deve ser ordenada para um bom objetivo. A professora B busca desenvolver nas crianças uma consciência moral, sempre priorizando uma reflexão nas crianças, assim eles aprendem a balancear a probabilidade de erros e acertos a partir das consequências dos seus atos.

4.2 ENTREVISTANDO AS DOCENTES

Inicialmente, apresentaremos o perfil das duas professoras, as quais nomeamos com professora A e professora B. A professora A possui Licenciatura em Matemática, com Especialização em Educação Matemática, tendo 13 anos de experiência, variando entre Educação infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Ela trabalha numa perspectiva matemática, influenciada por sua formação inicial, e por acreditar que esta ciência está conectada aos mais variados aspectos do cotidiano, na construção de diversos conhecimentos e como base para outros. A professora B possui Licenciatura em Pedagogia, com Especialização em Psicopedagogia e Instrucional, tendo 6 anos de experiência, dividindo-se em Educação Infantil e Ensino Fundamental. Ela trabalha numa perspectiva psicomotora e entende que a criança precisa se desenvolver globalmente para, posteriormente, refinar e resignificar isso em suas potencialidades.

A partir destas informações, analisaremos as respostas das docentes quanto às questões formuladas anteriormente (ver Apêndice 1). É importante ressaltar que, por motivos pessoais e de tempo, ambas preferiram responder as perguntas de forma escrita, como um questionário, e não na forma de entrevista. A priori, indagamos as docentes sobre os espaços existentes na escola e como elas os visualizam em uma visão pedagógica. As respostas apresentaram tanto uma percepção da parte física do espaço quanto do que ele acolhe, a seguir:

Professora A: *O espaço escolar tem que representar um ambiente acolhedor. Eu enxergo a escola como um espaço de aprendizagem, mas também de brincadeiras e descobertas no que diz respeito à Educação Infantil.*

Professora B: *O espaço é toda estrutura física, contendo simbologias que comunicam e ensinam.*

A fala da professora A apresenta pontos que simbolizam o espaço como a parte física, como as cadeiras e mesas para auxílio das atividades, quadro para apresentação de tarefas, mas que, ao mesmo tempo, proporciona a construção das relações humanas, nas brincadeiras, nas descobertas, tornando-o acolhedor. Já a

professora B não faz tanta distinção em relação à parte física e subjetiva do espaço, mas ressalta a projeção existente entre os conhecimentos e visões pedagógicas sobre a utilização destes meios na sala de aula.

Após questionarmos sobre o espaço escolar, de forma geral, enfatizamos a perspectiva da sala de aula, como era entendido o espaço escolar no que se refere a esta parte da escola, obtendo as seguintes respostas:

Professora A: *A minha realidade, enquanto professora da Educação Infantil, e considerando o espaço escolar no que se refere à sala de aula, entendo-a como um momento de socialização e construção de personalidades.*

Professora B: *Um espaço onde acontecem descobertas e troca de aprendizagem.*

O espaço da sala de aula reflete, majoritariamente, a didática do professor, ou podemos ainda dizer, a organização da sala reflete a didática do professor, até em pequenos detalhes podemos inferir quais as vertentes pedagógicas e do conhecimento que influenciam no ensino deste. Destarte, a este aspecto, Oliveira (2011) ressalta que "todo ambiente, sem exceção, é um espaço organizado segundo certa concepção educacional, que espera determinados resultados" (2011, p. 196).

Assim, podemos perceber nestas respostas a preocupação em considerar a sala como um lugar oportuno para a construção das relações sociais, oportunizando a autonomia de se constituir enquanto ser humano, único em si e, concomitantemente, de redescobrir-se, retirando, maximizando ou acrescentando saberes a partir das vivências.

Adiante, questionamos como as docentes entendiam a relação entre o espaço escolar e o desenvolvimento infantil, buscando interligar com certos aspectos obtidos durante as observações em sala. As respostas das docentes foram equivalentes nesse quesito, como mostra a seguir:

Professora A: *O espaço escolar deve ser um ambiente que promove interação entre os alunos, oportunizando assim o desenvolvimento e aprendizagem.*

Professora B: *As relações entre espaço escolar e desenvolvimento infantil devem atender as necessidades da criança e serem organizados de acordo com a faixa etária das mesmas.*

Diante disso, podemos entender que as interações que ocorrem entre as crianças são pautadas na relação existente entre o mundo físico e social. Esse ambiente tem como objetivo oportunizar as situações que possibilitem as crianças a tomar decisões, fazer escolhas e apresentar seus pontos de vista, pois a autonomia busca esse reconhecimento do outro, sem negar sua individualidade, e o papel que esse processo reflete na coletividade.

Em virtude das respostas já obtidas nas questões anteriores, interrogamos a forma como as docentes relacionavam o conceito sobre o qual entendiam o espaço escolar e como envolviam os alunos neste mesmo espaço.

Professora A: *Através de atividades realizadas com o coletivo, explorando o pouco espaço que temos disponível com exposição de atividade e contação de histórias.*

Professora B: *Utilizo como um ambiente para o desenvolvimento de múltiplas aprendizagens, embora os recursos e estrutura física não permitam um desenvolvimento pleno de todas as aprendizagens necessárias, os alunos devem manter esse ambiente organizado e se adequar aos desafios nele presentes.*

Em certos contextos de escolas de nível municipal, ou até mesmo estadual, ocorre o mesmo do que na fala das professoras, a dificuldade de se encontrar recursos para desenvolver certos tipos de atividades. A falta de materiais não impossibilita o ensino aprendizagem, mas não permite expandir esses aprendizados. Com base nas observações realizadas, as professoras utilizavam o espaço escolar, interno ou externo, da maneira que mais se adequava a sala e a faixa etária das crianças, bem como buscavam aproximar com os assuntos ou temáticas abordados em sala. A título de exemplo, para atividades que as crianças precisassem

movimentar o corpo, as professoras direcionavam os alunos a parte externa da escola, ou ainda em momentos de roda de conversa viabilizavam o espaço da sala para que todos estariam juntos e confortáveis, realocam as cadeiras e mesas para outro lugar na sala, etc.

No entanto, Oliveira (2011) contrapõe esse pensamento ao afirmar que "o que importa verificar não são as qualidades ou os aspectos do ambiente, mas como eles são retratados pelo prisma da experiência emocional da criança e atuam como recursos que ela emprega para agir, explorar, significar e desenvolver-se" (p. 198). É importante que haja uma preocupação acerca da qualidade dos materiais e elementos pedagógicos, mas que o foco não seja embrenhado apenas nisso. Ainda é significativo que trabalhemos com estes recursos, buscando transformá-los e dando diversos significados, estimulando a criança à compreensão da importância desses materiais para seu próprio desenvolvimento.

A partir da reflexão causada pelas perguntas anteriores referentes ao espaço escolar, compreendemos a necessidade de introduzir a temática da autonomia, na intenção de averiguar e assimilar, juntamente a postura pedagógica, as respostas e as observações acerca das docentes. Dando prosseguimento ao questionário, indagamos como as docentes entendiam o conceito de autonomia, obtendo as seguintes respostas:

Professora A: *Realização de atividades cotidianas de modo independente.*

Professora B: *A capacidade de ter independência, agir com base em conhecimentos próprios ou por conhecimentos adquiridos em experiências diversas.*

Usamos o conceito de autonomia partindo do pressuposto de uma breve fenomenologia desta ideia, ou seja, não partimos de um recorte solto, mas de uma estrutura presente em toda história da filosofia e do pensamento humano, levando em consideração que enfatizamos o legado do pensamento ocidental. De Platão a Kant, de Freud a Nietzsche, todos aqueles que tentaram produzir uma reflexão sobre a cosmovisão da cultura humana, entenderam a autonomia como uma

possibilidade do homem escolher de forma livre, sabendo da responsabilidade e das consequências morais que seus atos podem desencadear.

Desde o conceito grego de *Enkrateia*, que significa *poder sobre si*, até a ideia alemã de *Bildung* ou *Esclarecimento* em Kant, a autonomia é o cerne estruturante de uma tentativa de fundamentar um novo humanismo e, para que isto ocorra o homem deve ser autônomo.

O conceito de autonomia trabalhado nesta pesquisa foi concebido, de forma breve, como um entendimento intelectual de uma possibilidade de agir e escolher que é só nossa. Assim, aquilo que desenvolvemos cognitivamente reverbera para a nossa razão prática, ou seja, agimos e fazemos escolhas de uma determinada forma, pois somos responsáveis e temos consciência do nosso papel. Com a criança, isso acontece desde o simples ato de amarrar o cadarço até mesmo escovar os dentes. Essa consciência faz dele um sujeito melhor, tanto no autogoverno de suas ações como na convivência social.

Construímos uma noção sobre determinado conceito a partir de experiências, leituras, vivências e outras situações e, por isso, cada sujeito pode entender a autonomia de diversas maneiras. As falas das professoras apresentam uma visão mais universal do que é este conceito, ligado a autonomia.

Com base nos diálogos anteriormente construídos nesta pesquisa, questionamos as docentes se elas percebiam relação entre autonomia e espaço escolar e como ambas descreviam tal relação, a seguir:

Professora A: *Sim, a independência adquirida com o passar dos dias através da realização de atividades como: ir ao banheiro sozinho, manusear o próprio lanche e fazer as atividades propostas sem auxílio.*

Professora B: *O espaço escolar e a autonomia promovem uma personalização do ambiente essencial para estimular os sentidos da criança, sua segurança e confiança, aspectos importantes para o desenvolvimento emocional da criança.*

Diante disso, é válido ressaltar que o professor precisa se empenhar na busca para auxiliar o aluno em seu desenvolvimento, oferecendo conhecimentos e

orientações como base para diversas atividades. A essa questão, Medel (2014) comenta que:

É necessário que, quando a criança vá ao banheiro, o educador promova a autonomia, de modo que ela mesma possa cuidar de sua higiene pessoal de forma progressiva. Por outro lado, é fundamental ensiná-las as normas de comportamento no banheiro, explicando os cuidados que devem ter para desenvolver as atividades ali, sem riscos (MEDEL, 2014, p. 42).

As respostas das professoras possuem, aparentemente, semelhanças, porém há uma possível divergência entre a prática pedagógica e a entrevista da professora A. Sua percepção a respeito da autonomia se limita apenas a fatores práticos, não possibilitando atividades que desenvolvam a criança em outros aspectos, como na reflexão e cooperação.

Em seguida, entendendo a função do professor como mediador entre o conhecimento e o aprendizado do aluno, perguntamos as docentes como podemos estimular os alunos ao desenvolvimento da autonomia, as quais responderam de maneira breve, porém objetiva, como podemos perceber abaixo:

Professora A: *Fazendo com que o estudante realize as atividades, orientando-os, não realizando por eles.*

Professora B: *Criando e organizando espaços que sejam desafiadores para as crianças, tanto em aspectos cognitivos quanto motores.*

Barbosa e Horn (2001, p. 73) acreditam que “o espaço físico e social é fundamental para o desenvolvimento das crianças, na medida em que ajuda a estruturar as funções motoras, sensoriais, simbólicas, lúdicas e relacionais”. A partir dessas falas, podemos entender que as didáticas utilizadas juntamente ao espaço escolar não precisam se deter apenas em atividades realizadas que visam escrita e leitura, mas precisa oferecer um ambiente com múltiplas funcionalidades, além de acolhedor torna-se também atrativo a faixa etária.

Entendendo o espaço físico como mais um instrumento de ensino dentro da sala de aula, indagamos como é possível organizar o espaço escolar de forma norteadora no desenvolvimento das atividades, obtendo as seguintes respostas:

Professora A: *Atividades acessíveis para o estudante e de fácil visualização.*

Professora B: *Promovendo espaços que possam ser explorados pela criança, que retratem o meio social no qual vivem e estabeleçam relações de interação entre seus pares e troca de saberes.*

Em vistas a estas respostas, podemos entender a importância da autonomia como algo que possa ser estendido da sala para o mundo, ofertando atividades na sala que auxiliem o aluno a conviver em sociedade e entender suas regras. Além da percepção do espaço como um ambiente que possibilite situações de recorte da vida social.

Em relação a como o docente utiliza o espaço escolar para direcionar o aluno ao desenvolvimento em outras áreas do ensino e sociedade, tais como cooperação, autonomia, respeito, reflexão, criatividade e outros, constatamos as seguintes respostas:

Professora A: *Através da convivência e respeito com os demais.*

Professora B: *O espaço escolar deve ser permeado por objetos e símbolos que façam parte da cultura da criança, que sejam significativos para ela e, assim, possam fazer as generalizações para o contexto no qual vivem.*

Diante da fala da professora B, concernente ao fato da cultura e o meio social permeado à criança, podemos ressaltar que uma pedagogia da Educação Infantil que garanta o direito à infância deve, mediante a nossa diversidade cultural, planejar um espaço ao qual conte com a gama de interesses da sociedade, das famílias e,

prioritariamente, das crianças, atendendo às especificidades de cada demanda, a fim de possibilitar a construção da identidade social e sentido de pertencimento (FARIA *et al.*, 2007). É válido utilizar importantes questões, como os símbolos, e trabalhar a cultura que permeia o contexto escolar e familiar, pois são os mais próximos da criança.

De forma a compreender como as docentes entendem as demandas e necessidades dos alunos, questionamos se a organização da sala atende a estes aspectos anteriormente citados. Obtendo as seguintes respostas

Professora A: *Atende um pouco, com acesso a brinquedos, livros e atividades.*

Professora B: *Não atende, pelo menos, a realidade que faço parte, porque não tem uma estrutura física adequada nem os recursos que seriam necessários para um espaço promover um desenvolvimento infantil em todos os seus aspectos.*

Frente às respostas das professoras, percebemos o equívoco na compreensão da pergunta, a qual indagamos se a organização de um espaço pedagógico pode suprir certas demandas dos discentes. As respostas foram entendidas e relacionadas aos seus próprios contextos, sendo tratado novamente a questões de recursos materiais limitados.

4.3 “COM A PALAVRA: AS CRIANÇAS!”: PERCEPÇÃO INFANTIL DA SALA DE AULA ATRAVÉS DO DESENHO

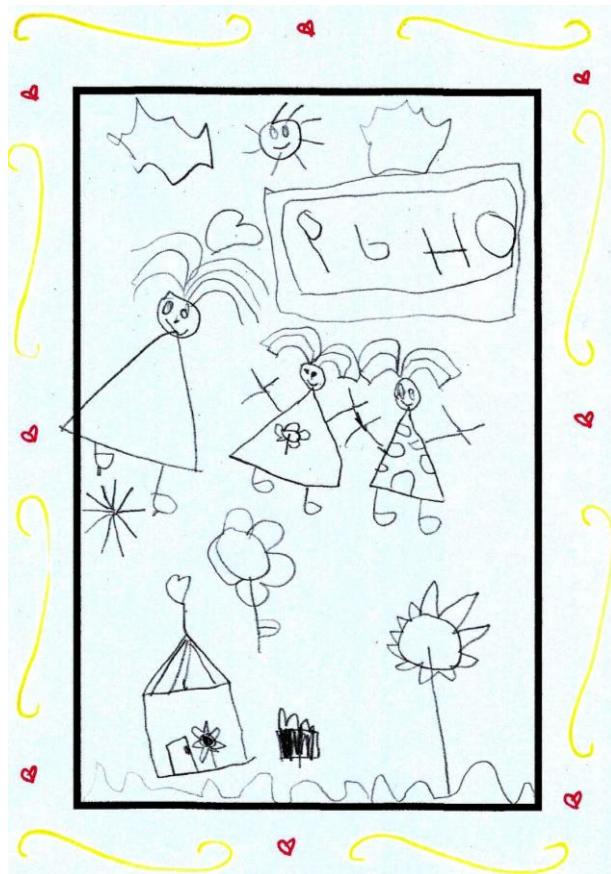
Para que pudéssemos coletar os dados com as crianças, foi preciso contextualizar o tema de forma singela e a nível de compreensão destas, mediante a faixa etária. Em sendo assim, utilizamos um vídeo do artista Mundo Bita, intitulado de "Hora da Escola", o qual enfatiza o cotidiano escolar de crianças, além disso, e mais importante, apresenta a sala de aula a partir de uma interpretação infantil, reunindo temáticas e atividades, bem como a utilização do espaço da sala de aula percebidos pela criança. O vídeo apresenta a perspectiva de três crianças em relação a escola e a sala de aula, bem como o cotidiano escolar, no qual é retratado de forma dinâmica e criativa os momentos de chegada na escola, de leitura, de atividades, de lanche, de saída, etc.

Baseado no vídeo, realizamos uma roda de conversa, na qual as crianças elencavam pontos ou situações no cotidiano escolar destes. Posteriormente, entregamos a cada aluno uma folha de papel ofício, tencionando a realização de um retrato interpretativo da sua sala de aula. O objetivo desta atividade foi o de averiguar e caracterizar quais os sentidos dados pela criança acerca dos elementos componentes do espaço escolar, seja no sentido físico ou subjetivo.

Vale frisar sobre o desenho que "a importância não incide sobre o produto, mas sim na significação que o autor atribui ao próprio processo de desenhar e sobre o que é possível compreender da realidade a partir da imagem produzida" Natividade (et. al., 2008). Desta maneira, a interpretação dessas representações não ocorreu de maneira unilateral, isto é, não houve apenas minha intervenção como pesquisadora, mas a própria criança também atribuiu sentido a seu desenho. Durante a composição do desenho, ou ao término destes, estimulamos os alunos à verbalização de alguns elementos.

O desenho abaixo foi representado por um aluno da sala da professora B, o qual foi apresentada pela própria criança uma ideia inicial do que seria o desenho e do que as partes significariam. Nomearemos a criança por aluno 1.

Imagen 1: Representação pictórica de aluno da sala B



Fonte: Produção da autora, 2019.

De acordo com o aluno 1, sua representação significaria momentos e situações que mais lhe agradavam na escola, como as atividades ao ar livre representadas pelo sol, as nuvens e a flor. As três pessoas foram representadas como o aluno 1 e outros colegas de seu grupo de amizade, já a pessoa a esquerda é a professora representada com um coração acima de sua cabeça e, pela explicação da própria criança, a professora é muito querida, pelo fato de sua acessibilidade e atenção dada a criança. O quadro na parte superior direita do desenho representa o quadro branco no qual a professora apresenta e explica algumas atividades (as letras são as iniciais do próprio nome do aluno 1: P, G, H e O).

A partir dessas informações, podemos perceber que “a organização do ambiente educativo, tanto interno como externo, deverá promover a convivência das crianças entre si e com os adultos a cargo do processo educativo, favorecendo as

interações positivas [...]” (MEDEL, 2014, p. 13). A didática e metodologias apresentadas pela professora B, baseando-se na utilização dos espaços da escola, tais como: a parte externa, o quadro branco e os “cantinhos” formados em sua sala que possibilitaram uma percepção mais aguçada à criança, bem como a constituição de um ambiente confortável, atrativo e significativo, representado pelo mesmo detalhe presente na professora, um coração (na parte inferior esquerda).

Em seguida, outro desenho foi fundamental para análise da pesquisa, sendo representado por um aluno também da sala da professora B, o qual nomearemos de aluno 2.

Imagen 2: Representação pictórica de aluno da sala B



Fonte: Produção da autora, 2019.

Esta representação apresenta aspectos semelhantes ao desenho do aluno 1, tais como as flores presentes na parte superior do desenho que dizem respeito as atividades nos espaços mais abertos da escola. Ao mesmo tempo, é mesclado com momentos de atividades feitas em sala quando representado, na parte inferior, a professora e os demais colegas em sala. Ao ser questionada sobre as cores tão vibrantes e selecionadas pela própria criança, constatamos em suas respostas uma comparação de sua sala com um arco-íris, simbolizando os espaços que mais lhe agradavam participar. Posteriormente, o aluno 2 comentou acerca dos momentos de atividades que representavam os momentos de leitura, dança e brincadeiras.

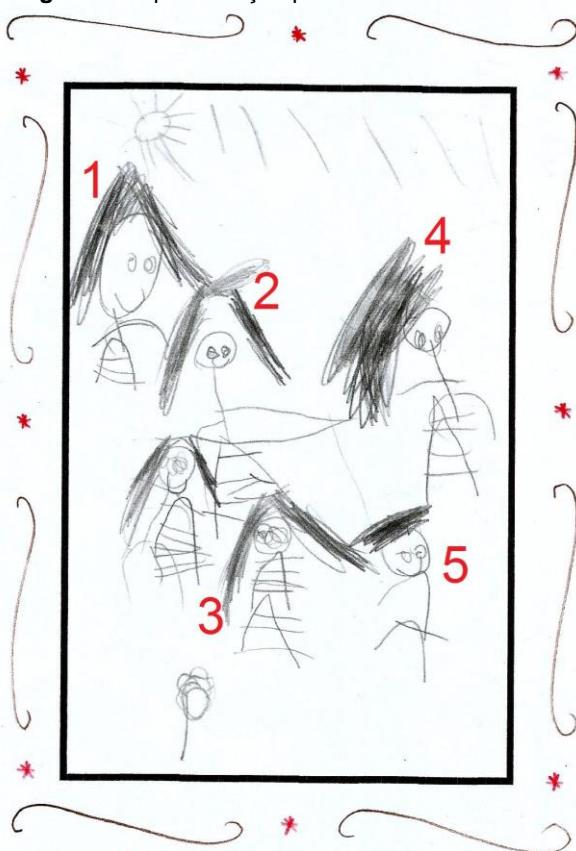
Assim sendo, observamos que “a montagem e o sucesso dos cantinhos em dar condições para o aumento das brincadeiras infantis depende do educador observar a maneira como as crianças ocupam e utilizam os espaços, modificando-os

em função dos interesses das crianças" (OLIVEIRA *et. al.*, 2009, p. 84). Entre a representação pictórica e a verbalização dos elementos contidos neste, constatamos a preocupação da professora concernentes as atividades realizadas em sala, pois há uma intencionalidade na utilização dos espaços para alcançar essa reciprocidade educativa.

Diante disso, podemos afirmar a importância de um ambiente preparado para o convívio com crianças, sendo pensado para ser confortável e acolhedor, onde a criança visualize elementos que lhe estimulam a aprendizagem.

O desenho a seguir traz elementos presentes na prática da professora B, sendo uma junção de várias atividades apreendidas pelo aluno, mediadas pela professora. O aluno será nomeado por aluno 3.

Imagem 3: Representação pictórica de aluno da sala B



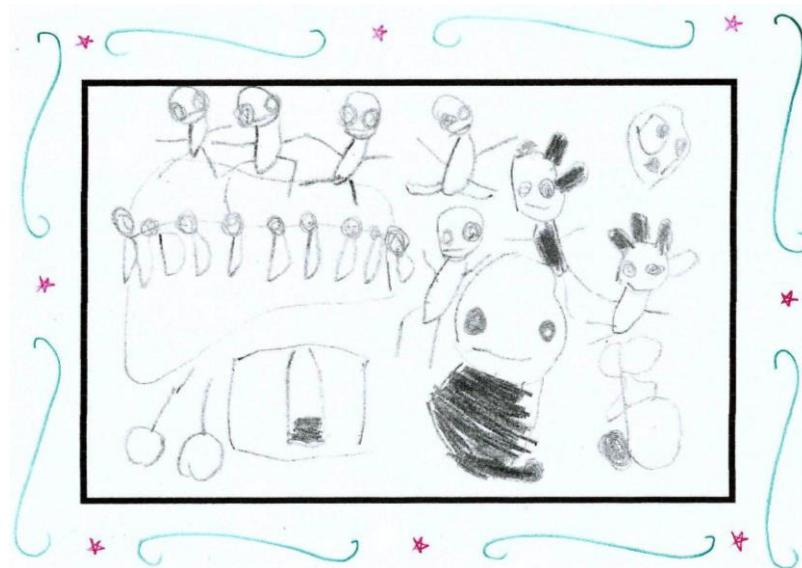
Fonte: Produção da autora, 2019.

A priori, os números apresentados no desenho na cor vermelha, foram escritos por mim para auxílio na explicação dos elementos do desenho. Pela conversação do aluno, o desenho representa tanto atividades na parte externa da sala (a partir dos componentes da natureza, como o sol e as nuvens, e a flor), como também dentro da mesma. Um ponto a ressaltar pela criança é que a maioria dos

personagens no desenho é: sua professora, sendo apenas o personagem de número 5 o próprio aluno. O personagem de número 1, representa atividades de deslocamento corporal (o pulo, o giro, etc.). O de número 2 representa uma brincadeira popular (girar bambolê no corpo). Os personagens de número 3 representam as brincadeiras coletivas, tais como pular corda, cantigas de roda, dentre outras. O de número 4 representa tanto as danças como as músicas cantadas na sala durante a rotina da criança. Ao personagem de número 5, representando a própria criança, é demonstrado seu sentimento de alegria, entusiasmo mediante essas atividades praticadas.

Mais uma vez, percebemos a relação intrínseca entre o ambiente, atividades pedagógicas, aluno e professor quando passa-se a perceber que todo ambiente, espaço ou lugar é fortemente constituído de saberes, havendo a necessidade de ligação entre estes, tanto para auxiliar o professor quanto para estimular o aluno.

Imagen 4: Representação pictórica de aluno da sala B



Fonte: Produção da autora, 2019.

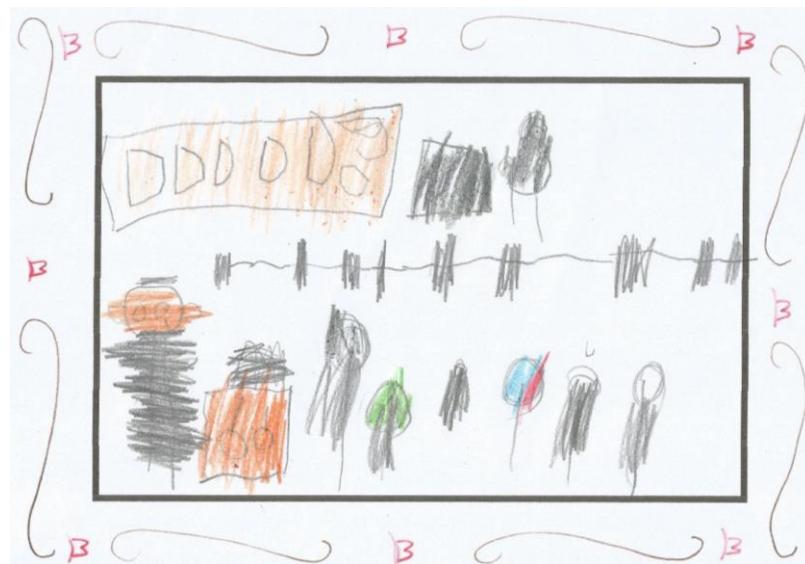
Como podemos observar, neste desenho muitos elementos da rotina do aluno 5 estão presentes em sua perspectiva. Antes de mais nada, é válido destacar que esta criança tem um comportamento mais introspectivo, se mantendo em silêncio na maior parte do tempo, porém participa de todas as atividades. Na parte superior direita, aparecem duas filas de crianças, as quais representam um momento de atividade, em que os alunos se direcionam a parte externa da sala ou quando precisam esperar para participar de alguma brincadeira. Na parte inferior direita, a criança representou um instrumento musical construído em sala pelos próprios

alunos e ao lado um brinquedo existente na brinquedoteca. Um dos pontos importantes que foi ressaltado na fala da criança, é representado na parte mais central do desenho, o personagem maior na cor preta é o próprio aluno, simbolizando seus sentimentos frente às atividades coletivas, nas quais seus amigos se aproximam mais do aluno, acolhendo-o e interagindo.

Ressaltamos novamente, a importância do desenho, pois “podemos perceber através da observação da criança a quem é oferecida a liberdade de criar, que no fazer artístico ela conta o quê e como sente, o quê e como pensa e o quê e como vê/percebe o mundo à sua volta” (LEITE, 2004, s.p.). A partir disso, essa representação torna-se um elo entre a realidade e a subjetividade, isto é, a criança materializa seus sentimentos acerca do que vivencia, no espaço escolar.

Ademais, as representações dos alunos da sala da professora A também passaram pelo mesmo cuidado que os anteriormente retratados, com a apresentação do vídeo, roda de conversa e verbalização dos elementos presentes. Porém, a maioria retratou pontos muito semelhantes, tanto na explicação quanto no desenho.

Imagen 5: Representação pictórica de aluno da sala A



Fonte: Produção da autora, 2019.

Tais aspectos configuraram a rotina da professora A somente na perspectiva da sala de aula e certos recursos da sua didática, como é representado no desenho acima. Na parte superior esquerda, e no centro do desenho, é representado a estante de livros que, explicada pela própria criança, os momentos de contação de

histórias são os mais oportunos para o desenvolvimento do imaginário e da criatividade, além de permearem o ensino em sala.

Outro ponto característico dos desenhos dessa sala é a presença da professora sempre a frente da turma, retratando o que foi observado e descrito anteriormente, a falta de abertura e participação dos alunos nas atividades. Ao mesmo tempo, essa proposta de ensino possibilitou as crianças a apreensão do mundo ao redor sob uma ótica mais crítica, no sentido de interpretar além do que é mostrado, questionando pontos e dialogando com os próprios colegas. Abaixo, outros desenhos que mostram semelhanças no que foi discutido.

Imagem 6: Representação pictórica de alunos da sala A



Fonte: Produção da autora, 2019.

Nas análises e interpretações dos desenhos, uma representação ressalta-se dos demais por apresentar aspectos que retratam vivências coletivas e fora do ambiente da sala de aula, observando na imagem 7 abaixo. Quando questionado sobre sua representação, o aluno nos apresentou a relação entre o cotidiano da aula, no caso os momentos de conversação, as brincadeiras coletivas em tempo recreativo e as histórias contadas e experienciadas pelas crianças.

Imagen 7: Representação pictórica de aluno da sala A



Fonte: Produção da autora, 2019.

Ao último desenho, observamos, então, que a autonomia estimulada através da oralidade da professora contribuiu no desenvolvimento cognitivo das crianças, pois, a percepção da importância de cada espaço e momentos vivenciados nestes facilitaram uma análise interpretativa do ambiente escolar como algo rico e significativamente importante.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em decorrência a toda pesquisa, compreendemos que a organização do ambiente escolar (sala de aula) e o desenvolvimento da autonomia é imprescindível, pois a organização torna-se elemento gerador de significados que possuem relação de causa e efeito no desenvolver singular de cada aluno. Outro aspecto a destacar é que esse ambiente deve ser organizado de modo também favorável a uma relação entre a prática do educador e a organização, para que essa seja um instrumento de mediação entre o ambiente e a percepção que emerge de cada aluno. Pontificou-se nas entrevistas que a relação prática educativa e utilização do espaço foram feitas de forma consciente, pois cada professora demonstrou peculiaridades no seu fazer pedagógico. Apesar disto, a ênfase na autonomia norteou o trabalho educativo. Em relação às crianças, verificamos que a percepção dos fenômenos ocorridos no ambiente de sala de aula e a identidade de cada prática docente sensibilizou as crianças à atribuição de significados que acontecem na práxis entre organização do ambiente e prática do professor.

Em vista dos pontos abordados e discutidos, ainda há uma falta de compreensão da importância de se estudar a fundo sobre a própria Educação Infantil, por si. A questão de se adequar o ambiente a objetivos de ensino, é utilizada não só nessa etapa da educação, mas em diversas fases da educação básica, por ser um instrumento que possibilita a participação do coletivo e a construção e transformação diária de acordo com as necessidades do grupo. Também observamos que através dele as inquietações existentes, dúvidas e potenciais habilidades ainda não trabalhadas ou descobertas.

Concluímos também que teoria e prática na Educação Infantil se tornam uma dupla indispensável, pois é na teoria que se pode ampliar os horizontes de possibilidades a respeito da educação, e na prática saberemos quais e como serão as melhores formas de utilizá-las. A teoria sem prática é vazia e vice versa. Nessa dialética da práxis, é importante a emersão de uma reflexão fulcrada na realidade do aluno, como uma diversidade de aspectos a serem enfatizados para uma boa educação.

Mesmo em meio a dificuldades, são vários os fatores que o professor da Educação Infantil enfrenta para configurar um bom ambiente de aprendizagem,

estrutura do local, falta de materiais. O embate na educação que acontece entre escola e realidade do alunado, nem sempre acabam sendo favoráveis e estimulantes para criança.

A autonomia do ser é um longo processo com resultados de médio a longo prazo, a criança precisa ser trabalhada para entender o que este conceito é e de que forma é realizada, bem como entender sua importância para a vida atual e futura. Não se deve limitar a autonomia apenas ao fato do indivíduo realizar certas atividades sozinho, mas entender que esta possibilita a mobilização de diversos outros conhecimentos para a execução de uma atividade anteriormente vista como incapaz para si mesmo, assim também como a busca por conhecimentos que possibilitem uma melhor tomada de decisões, percepção, criticidade e reflexão. A importância do seio familiar na contribuição das crianças, sendo um processo de ajuda da escola com a família.

Potencializar a capacidade de desenvolvimento da autonomia dos alunos torna-se uma tarefa complexa para o professor. Assim como enfatizava Drummond, em seu poema "A flor e a Náusea", no qual uma flor nasceu na rua, esta rompe o asfalto, metaforicamente, essa flor que rompe o asfalto são as nossas crianças que em meio a todas as dificuldades conseguem romper com as dificuldades e transformam-na, através dos esforços de profissionais que se preparam e refletem diariamente para fazer um bom trabalho.

A pesquisa nos fez refletir várias questões sobre o desenvolvimento da autonomia e a sua relação com o ambiente. Compreendemos que a prática educativa diária necessita de uma consciência de vários nuances e dão sentido a prática pedagógica. São os mínimos detalhes que fazem a diferença na Educação Infantil. Tudo deve ser pensado com um dado objetivo, sabendo que nem sempre funcionará da forma planejada, fazendo o professor ponderar suas formas de agir sem perder o seu escopo.

Mesmo havendo outros pontos que podem ser abordados sobre estas temáticas, destaca-se aqui os mais relevantes e discutidos por estudiosos e em pesquisas ou formações docentes. Visto ainda que este quesito é pouco ou, talvez, não abordado na etapa da Educação Infantil, se faz necessário o estudo mais aprofundado e uma ligação entre a teoria e a prática escolar, pois "a infância não espera" (CORSINO; NUNES, 2009).

6 REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, Anete. O direito das crianças à Educação Infantil. **Pro-Posições**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 13-24, set./dez. 2003.
- BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Por amor ou por forças**: na educação infantil. – Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. Organização do espaço e do tempo na escola infantil. In: CRAIDY, Carmem (Org.). **Educação infantil**: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 67- 79.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CERVO, A. L. BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- CORSINO, Patrícia; NUNES, Maria Fernanda Rezende. A institucionalização da infância: antigas questões e novos desafios. In: _____. (Org.). **Educação Infantil**: cotidiano e política. Autores Associados, 2009.
- FARIA, Ana Lúcia Goulart, et. al. **Educação Infantil Pós-LDB**: rumos e desafios. 6. ed. Campinas: São Paulo: Autores Associados, 2007.
- FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Augustín. **Curriculum, espaço e subjetividade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1998.
- LEITE, A. L. **Por que o menino tá fora da roda?** Centro Educacional de Desenvolvimento Integrado. 2004. Disponível em: <http://www.cedi.g12.br/article.php3?id_article=1360>. Acesso em: 29 abr. 2019.
- MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração e interpretação de dados. 3º ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- MEDEL, Cássia Ravenna Mulin de A. **Educação Infantil**: da construção do ambiente às práticas pedagógicas. 4. ed. Petropólis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- MULLER; Helenita; VASCOS; Vilmara. Pais que estimulam a autonomia dos filhos facilitam o trabalho dos professores. Ed. Abril. **Revista Sistema Maxi de Ensino**. São Paulo, v. 15, Ano 8, p. 12- 14, set. 2013.
- NATIVIDADE, Michelle Regina da. et. al. Desenho na pesquisa com crianças: análise na perspectiva histórico-cultural. **Contextos Clínic**,. São Leopoldo, v. 1, n. 1, p. 9-18, jun. 2008. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?>>

script=sci_arttext&pid=S198334822008000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 abr. 2019.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes et. al. **Creches: faz de conta & CIA.** Petropólis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

_____. **Educação Infantil:** fundamentos e métodos. 7 ed. São Paulo; Cortez, 2011.

RAMOS, Tânia Catarina da Costa Barbosa. **A intervenção na criança/jovem em risco – um percurso a construir.** In: ____UNIVERSIDADE DO PORTO. Faculdade de Medicina. Dissertação em Bioética. Porto – Portugal. 2008.

RODRIGUES, Maria Bernadette Castro; AMODEO, Maria Celina Bastos. **O espaço pedagógico na pré-escola.** Cadernos Educação Infantil. 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 2002.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente.** 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

7 APÊNDICES

- APÊNDICE 1:

Roteiro da entrevista semiestruturada

Professor(a) da sala: A B

1. Quando se fala em escola, quais **espaços** você consegue visualizar?
2. Como você entende o **espaço escolar** no que se refere a sala de aula?
3. Pra você, existe alguma relação entre o **espaço escolar** e o direcionamento das atividades realizadas?
4. Como você entende as relações que devem se constituir entre o espaço escolar e desenvolvimento infantil?
5. Como você utiliza o **espaço escolar** e como envolve os alunos nesse contexto?
6. Como você entende o conceito de **autonomia**?
7. Há alguma relação entre **espaço escolar** e **autonomia**? Como você descreve essa relação?
8. Pra você, como o professor pode estimular os alunos ao desenvolvimento da **autonomia**?
9. Como o professor pode organizar o **espaço escolar** de forma norteadora no desenvolvimento das atividades?
10. Como o **espaço escolar** pode direcionar o aluno a desenvolver-se em outras áreas do ensino e sociedade?
11. Pra você, como a **organização da sala** atende as necessidades dos alunos?

▪ APÊNDICE 2:



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
 UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS

SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA

Garanhuns, ____ de _____ de 2019.

A V.S.^a Diretor (a) da Escola _____

Venho pelo presente ofício solicitar autorização para que **Jayne Barbosa de Melo**, discente do curso de Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) da Unidade Acadêmica de Garanhuns (UAG), realize, sob minha orientação, *entrevistas, observações de aulas, análise das atividades pedagógicas relacionadas as Práticas Avaliativas na Educação Infantil*, assim como a da professora _____ para a coleta de dados da sua pesquisa de TCC, que tem por título **“A ORGANIZAÇÃO DA SALA DE AULA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O DESPERTAR DA AUTONOMIA”** e cujo objetivo é analisar a organização do espaço escolar na Educação Infantil e a contribuição para o desenvolvimento da autonomia. Contando com a autorização desta instituição, coloco-me à disposição para qualquer esclarecimento.

Atenciosamente,

Valdirene Moura da Silva
 Professora Responsável pela pesquisa de TCC
 (81-99774-0854 / valdirenemouradasilva@gmail.com)

▪ APÊNDICE 3:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Professor (a)

Viemos, através deste, convidá-lo (a) a participar do estudo a ser realizado pelo aluno **Jayne Barbosa de Melo**, intitulado **A ORGANIZAÇÃO DA SALA DE AULA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O DESPERTAR DA AUTONOMIA**. Esta pesquisa está vinculada à Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns tem como objetivo analisar de que maneira a organização do ambiente escolar na Educação Infantil contribui para o desenvolvimento da autonomia da criança, partindo da concepção dos docentes.

A participação é voluntária. Caso você aceite participar, solicitamos que permita a observação e o acompanhamento do desenvolvimento das atividades em sala de aula. Neste sentido, solicitamos que nos autorize a usar todas as informações coletadas em nossa análise de dados. Ressaltamos que os dados coletados ficarão armazenados em segurança em um computador pessoal e somente os pesquisadores envolvidos neste projeto terão acesso às informações coletadas. Dados pessoais dos participantes, tais como nome, idade, endereço e contatos não serão divulgados em publicação dos resultados desta pesquisa em uma monografia.

Informamos, ainda, que você poderá desistir de participar desta pesquisa a qualquer momento ou fazer quaisquer questionamentos que considerar pertinentes quanto aos objetivos e procedimentos aqui propostos durante o andamento do estudo.

Por fim, após ler este **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido** e aceitar participar do estudo, solicitamos que assine o mesmo em duas vias, ficando uma em seu poder. Qualquer informação adicional ou esclarecimento acerca deste estudo poderão ser obtidos junto ao pesquisador responsável, através do telefone (87) 99955-3745 ou pelo e-mail melo.jayne@outlook.com; junto à professora orientadora Valdirene Moura da Silva, através do telefone (81) 99874-0854 ou pelo e-mail valdirenemouradasilva@gmail.com, ou, ainda, junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFRPE, através do telefone (81) 3320-5409 ou pelo e-mail comissao.etica@ufrpe.br.

Eu, Sr (a) _____, fui informado (a) sobre a pesquisa **“A ORGANIZAÇÃO DA SALA DE AULA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O DESPERTAR DA AUTONOMIA”**, a ser realizada pelo (a) pesquisador (a) **Jayne Barbosa de Melo**, no âmbito da Universidade Federal Rural de Pernambuco, sob orientação da professora Valdirene Moura da Silva, e concordo em participar da mesma. Sendo assim, autorizo que os dados por mim fornecidos sejam utilizados para os fins desta pesquisa.

Garanhuns, ____ de _____ de 2019.

Participante

Pesquisador

Testemunha

Testemunha

■ APÊNDICE 4:

DIÁRIO DE CAMPO

ESCOLA: _____

PROFESSORA: () A () B

HORÁRIO DA OBSERVAÇÃO: DAS _____ ÀS _____

DATA: ____/____/____

NOTAS:

▪ APÊNDICE 5:

REVISÃO SISTEMÁTICA: A organização da sala de aula na Educação Infantil: o despertar da autonomia.

Para um olhar mais acadêmico, esta revisão sistemática foi realizada na plataforma online do Banco Digital de Teses e Dissertações da CAPES, devido a consideração efetiva de legitimidade e confiabilidade dado a este site por diversas instituições de ensino superior brasileiras, tendo em vista a necessidade de pesquisar quais autores e teorias estão sendo, atualmente, mais estudadas sobre tal temática, tanto para atualização quanto para reflexão acerca do tema em que será discutido. Para isso, foi ponderado e utilizado nos descriptores os seguintes termos: *autonomia, organização escolar, educação infantil e criança*. Devido a especificidade do tema, não foi definido um limite de tempo, de tal forma em que foram encontrados os seguintes trabalhos:

TÍTULO	AUTOR	INSTITUIÇÃO	ANO
A reorganização do espaço da sala de educação infantil: uma experiência concreta à luz da teoria histórico-cultural	VIEIRA, Eliza Revesso	UNESP	2009
A rotina na educação infantil e sua contribuição para a autonomia moral da criança	LIMA, Antonia Emanuela Oliveira de	UFC	2010
A construção da autonomia na educação infantil: uma experiência a partir da cultura corporal	VIEIRA, Viviane	USP	2007
Autonomia da criança: transição da educação infantil para o ensino fundamental, conforme as prescrições oficiais	SANTO, Kelly Cristina dos	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	2006
“Mas os bebês fazem o quê no berçário, heim?”: documentando ações de comunicação, autonomia e saber-fazer de crianças de 6 a 14 meses em contextos de vida coletiva	FOCHI, Paulo Sergio	Universidade de Brasília	2013
Educação e formação humana: uma discussão sobre o conceito de autonomia discente	SOEJIMA, Fatima Mitie	Universidade de São Paulo	2008
A organização dos espaços de ensinar e aprender numa escola de educação infantil do município de Jequié - Bahia	MENESES, Cláudia Celeste Lima Costa	Universidade Federal da Bahia	2008
A organização do espaço na Educação Infantil e o desenvolvimento integral da criança: sentimentos e ações em turmas de pré-escola	RABELO, Jeriane da Silva	Universidade Federal do Ceará	2017
A organização dos espaços na educação infantil: possibilidades educativas na proposta Fazer em Cantos	PESSOA, Priscila Sales Rodrigues	Universidade Estadual Paulista	2015